

CORA CORALINA E A TRADIÇÃO POÉTICA MODERNA E MODERNISTA*

Flávio Pereira CAMARGO**

Resumo: Cora Coralina é freqüentemente lembrada pelo seu insulamento literário, pela sua independência em relação a qualquer escola. Observa-se, entretanto, que a poetisa, em seus momentos de maior autenticidade, fala em uníssono com a tradição poética Moderna e Modernista. Proponho examinar a relação da autora de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* com essa tradição.

Palavras-chaves: Poesia Brasileira; Poesia em Goiás; Poéticas da Modernidade.

Eliot ([19-], p. 22) em “Tradição e Talento Individual” nos diz que há uma certa tendência para insistir, quando se analisa uma obra poética, não naqueles aspectos em que o poeta menos se parece com outros, mas naqueles em que se pode afirmar a sua individualidade, “mas se abordarmos um poeta sem este preconceito, acharemos freqüentemente que não só os melhores, mas os passos mais significativos da sua obra, poderão ser aqueles onde os poetas mortos, seus antepassados, mais vigorosamente afirmam a sua imortalidade”, tal como o faz Cora Coralina em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*¹.

* Este artigo, apresentado no IX Congresso Internacional da ABRALIC, Porto Alegre, RS, 2004, em forma de comunicação no Simpósio Ler Travessias das Estéticas da Modernidade, é o resultado do projeto de Iniciação Científica homônimo, financiado pelo CNPq, entre Agosto de 2003 e Julho de 2004, sob orientação da Profa. Dra. Solange F. C. Yokozawa, docente da UFG/CAC. Aqui o texto encontra-se mais completo.

** Mestrando em Letras e Linguística na UFG. Área de Concentração: Estudos Literários. Linha de Pesquisa: Poéticas da Modernidade, sob orientação da Profa. Dra. Goiandira de F. O. de Camargo. Membro do Grupo LER: Estéticas da Modernidade (<http://ler.literaturas.org>). E-mail: flaviopcamargo@bol.com.br

¹ A idéia da relação de Cora Coralina com a tradição literária Moderna e Modernista é defendida, inicialmente, por YOKOZAWA, Solange Fiúza Cardoso. A reinvenção poética da

Da leitura da obra poética de Coralina depreende-se que a poetisa, em seus momentos de maior autenticidade, fala em uníssono com a tradição poética. Para verificar essa relação da autora com a tradição examinaremos três tendências da Lírica Moderna e Modernista na poética coralínea: a poetização do não-poético, o processo de despersonalização e o hibridismo dos gêneros literários.

Baudelaire é considerado um dos precursores da modernidade, pois foi o primeiro a cantar a paisagem moderna do século XIX: as cidades na fase inicial da modernização, a multidão, os pobres, os párias e as prostitutas, o tédio da chuva e dos becos na luz lívida da aurora, a decadência e a corrupção que assolam o homem moderno.

Cora Coralina, a exemplo de Baudelaire, também busca o lirismo poético no lixo dos becos de Goiás, na lavadeira do Rio Vermelho, na prostituta, no menino lenheiro, na mulher doceira. Enfim, resgata para a sua poesia aqueles temas considerados até então como apoéticos, como se verifica em “Becos da minha terra.../Amo a tua paisagem triste, ausente e suja” (CORALINA, 2001a, p. 92).

A poetização do apoético, de temas cotidianos, a exemplo de Cora Coralina e demais poetas modernos e modernistas, gera, de acordo com Friedrich (1991, p.17/18), um efeito de choque no leitor acostumado a uma poesia de moldes românticos e parnasianos. O leitor da poesia moderna não está acostumado com as inovações temáticas e expressivas que caracterizam a lírica do século XX, engendrada em uma sociedade pós-segunda guerra mundial, que passa por um processo acelerado de industrialização e reconstituição daquilo que foi destruído por ocasião das guerras.

Segundo Friedrich (1978, p. 42/43), a modernidade caracteriza-se como a época da técnica que trabalha com o vapor e a eletricidade e a época do progresso. Friedrich define o progresso como

memória em Cora Coralina. In: *Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC*, 2002, Belo Horizonte. CD-ROM.

decaimento progressivo da alma, predomínio da matéria [...] Mas o conceito de modernidade em Baudelaire tem ainda outro aspecto. É dissonante, faz do negativo, ao mesmo tempo, algo fascinador. O mísero, o decadente, o mau, o noturno, o artificial, oferecem matérias estimulantes que querem ser apreendidas poeticamente. Contém mistérios que guiam a poesia a novos caminhos. Baudelaire perscruta um mistério no lixo das metrópoles: sua lírica mostra-o como brilho fosforescente.

Coralina, assim como Baudelaire, perscruta a poesia no lixo dos becos de Goiás, naquilo que a sociedade despreza. Como o heroísmo épico não encontra lugar na sociedade moderna, o poeta busca seu heroísmo no lixo das metrópoles (BENJAMIN, 1989, p. 78), poetizando aquilo que até então não fora poetizado, isto é, o material apoético, haja vista que a essência poética pode ser encontrada em todo e qualquer lugar².

Exemplar do heroísmo que é buscado no lixo dos becos das grandes metrópoles é “Poema do Beco”, de Bandeira:

Poema do Beco

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha
do horizonte?

— O que eu vejo é o beco (BANDEIRA, p. 150).

² Octávio Paz (1982, p. 17) afirma que: “O poético é poesia em estado amorfo; o poema é criação que se ergue. Só no poema a poesia se recolhe e se revela plenamente [...] O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia. Forma (poema) e substância (poesia) são a mesma coisa”.

Note-se que o poeta despreza o que é considerado belo pelo feio. O feio que se encontra nos becos, na periferia da metrópole. O poeta traz para o âmbito da poesia o grotesco ao invés do que é considerado belo pela sociedade, a beleza da praia, do horizonte e do pôr do sol, pois em poesia tudo se transforma, se recria. Friedrich (1978, p. 44) afirma que

[d]o feio, o poeta desperta um novo encanto! O disforme produz surpresa, e esta, o ‘assalto inesperado’ [...] A nova ‘beleza’, que pode coincidir com o feio, adquire sua inquietude mediante a absorção do banal em simultânea deformação em bizarro, e mediante a ‘união do espantoso com o doido’.

Bandeira extrai a essência poética dos lugares mais reles da sociedade, assim como Cora Coralina na série dos poemas dedicados aos becos de Goiás: “Becos de Goiás”, “Do Beco da Vila Rica” e “O Beco da Escola”, que podem ser considerados uma trilogia dentro da poética coralineana.

Os becos de Goiás já não são os mesmos becos da época de Coralina. Hoje os becos já não trazem mais galinhas mortas, sapatos velhos, lixo, velhas bacias, potes, balaios e outros objetos tais que, como se lê no poema “Do Beco da Vila Rica”:

Do Beco da Vila Rica

No beco da Vila Rica
Tem sempre uma galinha morta.
Preta, amarela, pintada ou carijó.
Que importa?
Tem sempre uma galinha, de verdade.
Espetacular, fedorenta.
Apodrecendo ao deus-dará.
[...]

Monturo:
Espólio da economia da cidade.
Badulaques:
Sapatos velhos. Velhas bacias.
Velhos potes, panelas, balaios, gamelas,
E outras furadas serventias
Vêm dar ali.
[...]
Becos da minha terra...
Válvulas coronárias da minha velha cidade.
[...] (CORALINA, 2001a, p. 96/107).

Nos tempos de Cora Coralina, os becos eram lugares mal-afamados, onde mulheres de respeito não passavam. Era lugar de mulher da vida e de monturo de lixo. Enfim, de tudo aquilo que não mais fosse útil para a sociedade. O poeta moderno, ao perscrutar o lirismo poético nos becos, resgata para o âmbito da poesia não só velhos objetos, frutos da industrialização, mas o ser marginalizado social e economicamente pela sociedade, como observamos em “Becos de Goiás”:

Becos de Goiás

Beco da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
[...]
Amo e canto com ternura
Todo o errado da minha terra.
[...]
Becos da minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras...
[...] (CORALINA, 2001a, p. 92/95)

Na trilogia dos poemas dedicados aos Becos, Cora Coralina canta o lixo, o ser marginalizado socialmente, o pária social³. O ser poético em Coralina ama e canta com ternura os errados de sua terra, pois os becos “têm poesia e têm drama”. Portanto, os poemas coralineanos não só cantam, como contam velhas estórias. Além do mais, os becos são as válvulas coronárias da Velha Goiás. Atente-se para o fato de que Bandeira e Coralina liricizam os becos em detrimento da bela paisagem. O “belo” aqui é aquilo que é considerado “feio” àqueles desprovidos de sensibilidade poética, pois a essência poética, como lembra Mário de Andrade ([19-], p. 208/209), pode nascer, brotar de qualquer lugar, mesmo daqueles mais reles aos olhos do homem moderno.

Dessa feita, lê-se na poesia coralineana a poetização do material apoético corroborando o diálogo de Cora Coralina para com a tradição poética a despeito daqueles que insistem em ler e afirmar, em sua poética, o suposto insulamento literário, haja vista que a poetisa, em seus momentos de maior autenticidade e originalidade, busca um passado, uma tradição poética.

Sabe-se que Cora Coralina começou escrevendo prosa, conforme atesta o comentário do professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo no *Annuario Historico Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz* (1910, p. 209). No *Annuario*, o prof. Ferreira transcreve um conto da escritora, intitulado “Tragédia na Roça”, e observa que a autora “é um dos maiores talentos que possui Goyas; é um temperamento de verdadeiro artista. Não cultiva o verso, mas conta na prosa animada tudo que o mundo tem de bom, numa linguagem fácil harmoniosa, ao mesmo tempo elegante”.

³ Para Berman (1986, p. 142), “uma arte que não se disponha a *épouser* as vidas de homens e mulheres na multidão não merecerá ser chamada propriamente de arte moderna”. Dessa forma, o poeta, lançado no “caos” do ambiente moderno, caracterizado, sobremaneira, pelas contradições internas da rua, deve apropriar-se da vida cotidiana para a arte, resgatando o “heroísmo da vida moderna” que Baudelaire e demais poetas modernistas e modernos almejavam em suas poéticas.

Após a estréia de Cora Coralina em 1965, boa parte da crítica especializada torcia e ainda há aqueles que torcem o nariz à poesia de Coralina devido ao tom narrativo que perpassa a sua poética.

Em *Conceitos Fundamentais da Poética*, Emil Staiger (1997, p. 185) vale-se da noção substantiva e da noção adjetiva para formular a moderna teoria dos gêneros literários. Segundo o autor, os *substantivos* Épica, Lírica e Drama são terminologias utilizadas para enquadrar uma obra em um ramo segundo suas características formais. Já os *adjetivos* lírico, épico e dramático são termos que designam as qualidades das quais uma obra pode ou não participar. Designa, desse modo, a essência, os fenômenos estilísticos do lírico, do épico e do dramático.

Deve-se ressaltar, na esteira de Emil Staiger (1997), que uma das características da arte moderna pauta-se, sobremaneira, na miscigenação dos gêneros, havendo a predominância de *traços estilísticos* de um determinado gênero sobre outro. Há, pois, uma intercomunicação dos gêneros. Dessa forma, Staiger (1997) põe abaixo a teoria clássica dos gêneros literários ao afirmar que

[n]ão vamos de antemão concluir que possa existir em parte alguma uma obra que seja puramente lírica, épica ou dramática [...] qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários, e de que essa diferença de participação vai explicar a grande multiplicidade de tipos já realizados historicamente [...] (STAIGER, 1997, p. 15).

Dito isso, pode-se ter “dramas líricos”, obras cujo ramo seja o Drama, porém com traços estilísticos peculiares à lírica. A multiplicidade de que fala Staiger resulta da miscigenação dos gêneros iniciada no Barroco e desenvolvida por outros poetas posteriormente.

Ao analisar a poética de Coralina, a exemplo de Bandeira em “Poema tirado de uma notícia de jornal” e de Drummond em “Morte do

leiteiro”, nota-se a presença de poemas épicos como, por exemplo, “Estória do aparelho azul-pombinho”, “O prato azul-pombinho”, “As tranças de Maria” e “Do Beco da Vila Rica”, dentre outros poemas tais que.

Observa-se na poesia moderna uma certa tendência para o épico ou “epilírico”, haja vista que os poemas apresentam características estilísticas da prosa, como, por exemplo, a extensão dos poemas, a presença de personagens, de narrador e de uma ação. Enfim, poemas com tom narrativo de algum acontecimento passado, como se observa em “Poema tirado de uma notícia de Jornal”, de Bandeira.

Poema Tirado de Uma Notícia de Jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e
morava no morro [da Babilônia num
barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e
morreu [afogado (BANDEIRA, 1993, p.
136).

Em “Poema tirado de uma notícia de jornal”, tem-se, além do rompimento dos limites tênues entre as formas da prosa e as da poesia, observado na utilização do verso livre que chega a ocupar mais de uma linha, a poetização do pária social representado pelo personagem João Gostoso, carregador de feira-livre, morador do morro da Babilônia. Note-se, um ser marginalizado socialmente, excluído da sociedade moderna, que, em um momento de desespero, vai ao bar Vinte de Novembro, pede uma bebida e, logo em seguida, atira-se na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Os limites tênues entre as formas da poesia e as da prosa são visíveis. O poema enquadra-se no ramo da Lírica. Entretanto, apresenta características peculiares à Épica e ao Drama, como o relato ou a

apresentação de uma ação, movida por um dinamismo de tensão. Além disso, observam-se traços estilísticos épicos – distanciamento entre o sujeito-narrador e o objeto, mundo narrado – e dramáticos – há uma ação que se desenvolve por um dinamismo de tensão até o fim culminante em que o personagem João Gostoso se atira na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Staiger (1997) corrobora a tese de que não há nenhum gênero puramente lírico, dramático ou épico, mas uma interação, uma inter-relação entre os gêneros literários:

“Não puramente lírico” não significa absolutamente que o lírico esteja misturado com lama e imundícies, mas que além do lírico podem-se pressentir outras características essenciais. E não poderia ser que uma obra poética seja tão mais perfeita, quanto mais intrinsecamente relacionados estejam os elementos líricos, épicos e dramáticos que a impregnam? [...] apenas chamo a atenção para um ponto: uma obra exclusivamente lírica, exclusivamente épica ou exclusivamente dramática é absolutamente inconcebível; toda obra poética participa em maior ou menor escala de todos os gêneros e apenas em função de sua maior ou menor participação, designamo-la lírica, épica ou dramática (1997, p. 189/190).

Manuel Bandeira resgata um acontecimento banal e trágico, a morte de um carregador de feira-livre, publicada em jornal. Ao trazer o acontecimento para a poesia, este perde o caráter temporal e espacial passando do individual para o universal, pois o que ocorrera com João Gostoso pode acontecer com muitos outros iguais a ele. João Gostoso representa uma classe social, ou melhor, uma subclasse, representante da periferia da cidade grande. Um subproduto humano, um lixo humano que é resgatado pelo poeta.

A exemplo de Bandeira, Cora Coralina resgata não somente o ser marginalizado socialmente, mas o passado senhorial da Velha Goiás. Em “Do Beco da Vila Rica”, a poetisa fala da exploração aurífera pela qual Goiás passou, pois durante algum tempo, Goiás teve suas riquezas exploradas pelos paulistas, “uma cidade de onde levaram/o ouro e deixaram as pedras” (CORALINA, 2002, p. 81).

A poetisa faz um resgate do passado épico da Cidade de Goiás, passando pela exploração aurífera, pela decadência da idade do ouro, até chegar ao estágio de miséria e pobreza. Uma cidade cercada de morros e repleta de becos fedorentos, lugar de lixo, de objetos sem serventia para a sociedade, de gentinha, pois família de conceito não passa em beco. Beco é um lugar sujo, lugar de lixo, de coisas velhas, inúteis para a vida, para a sociedade. Beco é para a prostituta, a lavadeira, a mulher roceira, o menino lenheiro.

Enfim, Coralina canta e conta a estória dos becos, dos becos da sua terra, “Suspeitos... mal afamados/Onde família de conceito não passava./“Lugar de gentinha” __ diziam, virando a cara./De gente do pote d’água./De gente de pé no chão./Becos de mulher perdida./Becos de mulher da vida” (CORALINA, 2001a, p. 94).

Os poemas “epilíricos”, além de cantar, também contam. Nesse sentido, os poemas de Cora Coralina apresentam natureza narrativa que, como subespécie da épica, tem na apresentação sua característica basilar. Segundo Staiger (1997, p. 83), “a linguagem épica apresenta. Aponta alguma coisa, mostra-a”, como se percebe em “As Tranças de Maria”:

O caso do Izê da Badia...
Era do que a gente falava.
Era só o que se ouvia.

O Izê ficou leso, atoadado pelos campos...
Perdeu sua fé de vaqueiro
consagrado nas vaquejadas.
[...]

E agora... Tanta moça pelo mundo
e ele à procura de Maria.
[...] (CORALINA, 2001a, p. 179).

Observa-se nitidamente a voz do narrador que apresenta “o caso do Izê da Badia”, vaqueiro forte, destemido e conhecido pelas redondezas por sua bravura e amor à Maria, moça de família, que sumiu quando foi buscar água no poço. Há, no presente poema, traços estilísticos épicos, quais sejam: um tempo indeterminado, um espaço tópico, um narrador, a presença de personagens e uma ação a ser desenvolvida pelo protagonista que sai a procura da amada até descobrir que ela fora morta e engolida por uma onça.

Deve-se ressaltar que o contar casos ou “causos” filia-se à tradição oral de narrativas contadas em rodas de amigos. Cora Coralina, ao resgatar para o âmbito da poesia essa tradição, rompe com os limites tênues entre as formas da prosa e as da poesia, resgatando a tradição do conto popular que privilegia uma linguagem fácil, harmoniosa, daquelas pessoas simples, humildes, com uma expressão lingüística extremamente oral, coloquial e informal.

Nos poemas “epilíricos” de Coralina, o objeto é colocado “em frente” ao eu lírico e não nele mesmo como ocorre com a fusão lírica entre sujeito e objeto, expressa pelo “um-no-outro” lírico. Desta maneira, a voz presente no poema reúne condições para vislumbrar criticamente uma realidade e narrá-la de forma distanciada, mesmo nos casos em que essa voz se apresenta também como personagem. Dessa feita, a poética coralineana pertence ao ramo da Lírica, mas isso não impede o diálogo com o épico e o dramático que perpassa a sua poesia.

Quanto ao processo de despersonalização da lírica moderna é interessante resgatar Pessoa, o grande poeta português, que afirma o seguinte:

Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,

Despi-me, entreguei-me
E há em cada canto da minha vida um altar a um
Deus diferente
[...]
Deixo ao cego e ao surdo
A alma com fronteiras,
Que eu quero sentir tudo
De todas as maneiras...
E como são entilhaços
Do ser as coisas dispersas
Quebro a alma em pedaços
E em pessoas diversas (PESSOA, 2002, p.180).

A criação dos heterônimos em Pessoa é uma das formas encontradas pelo poeta para sentir o mundo de todas as maneiras possíveis. A heteronímia torna-se, para os poetas modernos, um caso de *desdobramento de personalidade*. O fenômeno da heteronímia ou “despersonalização” é produto do fingimento artístico do poeta. Fingimento deve ser aqui entendido, em sua etimologia, como ficção, criação.

De acordo com Eliot ([19-], p. 27), “o progresso de um artista reside num contínuo auto-suficiente, numa extinção contínua da personalidade. Resta definir este processo de despersonalização e sua relação com o sentido da tradição”. Daí o poeta ser considerado um fingidor, pois mesmo que o artista recrie e transfigure em arte as experiências vivenciadas, essas irão transcender o individual para alcançar o plano universal, atingindo uma emoção muito mais complexa, tal como em Bandeira, Cora Coralina, Drummond e Pessoa.

É a partir do tomar-forma estético que as experiências particulares transcendem o individual, pois tornam-se poesia, arte. Segundo Adorno (1983, p. 193/194), “o conteúdo de um poema não é mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas, quando, exatamente em virtude da especificação de seu tomar-forma estético, adquirem participação no universal”.

O processo de despersonalização da lírica moderna implica um caráter objetivo e impessoal na produção poética tal como em Mallarmé e João Cabral de Melo Neto, dentre outros poetas modernos, em cuja poesia se lê a ausência de uma lírica do sentimento e da inspiração, guiada, sobremaneira, pelo intelecto, pela lógica, pela objetividade como um processo construtivo da própria obra de arte, haja vista que a palavra lírica já não nasce da simbiose de poesia e pessoa empírica como haviam pretendido os poetas românticos, conforme afirma Friedrich (1978, p. 37). Desta forma, prevalece na lírica moderna e modernista, de modo geral, o caráter impessoal e objetivo da arte em decorrência da ausência de sentimentalismo.

De acordo com Yokozawa (2002, p. 5/6), em Cora Coralina o processo de despersonalização não ocorre da mesma forma que em Mallarmé e João Cabral de Melo Neto. Observa-se, de fato, a ausência de uma poesia objetiva, racional e impessoal. Entretanto, o processo de despersonalização em Coralina diz respeito à aproximação do eu lírico com o “outro”, com o ser excluído social e economicamente pela sociedade moderna, resultando em uma multiplicidade de “eus”. O ser poético da poesia coralineana se identifica e representa “Todas as Vidas”, ao afirmar que vive dentro dele a cabocla velha, a lavadeira do Rio Vermelho, a mulher cozinheira, a mulher do povo, a mulher roceira, a mulher da vida etc.. Enfim, “Todas as vidas dentro de mim:/Na minha vida – /a vida mera das obscuras” (CORALINA, 2001a, p. 31/33).

Em Pessoa, o eu lírico também nos diz que se identifica com o “outro”, mas este “outro” pode ser representado tanto por “homens superiores”, quanto por “homens inferiores”. O eu lírico em Pessoa estabelece uma relação de identificação com uma pedra, uma flor, o fraticida, o incestuoso, o matricida, o ladrão de estradas, o soldado que dá a vida para salvar outras pessoas, dentre outros tais que. Enfim, há em Pessoa uma multiplicidade de “eus” que representa de modo significativo toda uma escória social:

Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo,
Eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,

Aquilo com quem simpatizo, seja uma pedra ou
uma ânsia,
Seja uma flor ou uma idéia abstracta,
Seja uma multidão ou um modo de compreender
Deus.
E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.
São-me simpáticos os homens superiores porque
são [superiores,
E são-me simpáticos os homens inferiores porque
são [superiores também,
Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos
de visão.
[...]
Estreito ao meu peito arfante num abraço
comovido
(No mesmo abraço comovido)
O homem que dá a camisa ao pobre que
desconhece,
O soldado que morre pela pátria sem saber o que é
pátria,
E...
E o matricida, o fraticida, o incestuoso, o violador
de [crianças,
O ladrão de estradas, o salteador dos mares,
O gatuno de carteiras, o sombra que espera nas
vielas –
Todos são a minha amante predilecta pelo menos
um [momento na vida.
Beijo na boca as prostitutas,
Beijo sobre os olhos todos os souteneurs,
A minha passividade jaz aos pés de todos os
assassinos,
E a minha capa à espanhola esconde a retirada a
todos os [ladrões.

Tudo é razão de ser na minha vida (PESSOA, 2002, p. 179-180).

Observamos em Pessoa uma aproximação com a multidão e com o pária social, de modo geral, dentre eles a prostituta. O eu lírico em Pessoa encontra-se disposto a abrigar e a ajudar a todos aqueles desvalidos, isolados social e economicamente. Até mesmo o ladrão encontra abrigo sob a capa do eu lírico.

É válido lembrar que já em Baudelaire lê-se o resgate poético da multidão e da prostituta. Baudelaire diz:

Nem a todos é dado tomar um banho de multidão: gozar da multidão é uma arte; e só pode fazer, à custa do gênero humano, uma farta refeição de vitalidade, aquele em quem uma fada insuflou, no berço, o gosto do disfarce e da máscara, o horror ao domicílio e a paixão da viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo. Quem não saiba povoar a sua solidão também não sabe estar só em meio a uma multidão atarefada.

O poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um. Para ele, e só para ele, tudo está vago; e, se alguns lugares parecem vedados ao poeta, é que a seus olhos tais lugares não valem a pena de uma visita.

O passeador solitário e pensativo encontra singular embriaguez nessa comunhão universal. Aquele que desposa facilmente a multidão conhece gozos febris, de que estarão privados para sempre o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, encaramujado feito um molusco. Ele adota como

suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que as circunstâncias lhe deparam (BAUDELAIRE, 1995, p. 289).

Veja que o processo de identificação com a multidão afadigada pela sociedade moderna é algo singular, prazeroso, extraordinário que ocorre somente àqueles cujo gosto pelo disfarce e pela máscara possibilitará uma relação de identificação com o pária social, além da compreensão de todos os problemas e dificuldades pelas quais passam. O poeta moderno busca inspiração na concreta vida cotidiana que o rodeia, extraíndo a essência poética de cenas modernas primordiais, pois cabe ao artista moderno captar a essência da vida cotidiana que a fotografia, inimigo mortal da arte, é incapaz de captar. Marshall Berman (1986, p. 138) afirma que para Baudelaire “a vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto, é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínsecas, é inseparável das contas que o homem moderno tem de pagar”.

O poeta, viandante solitário e pensativo, torna-se uma *persona*, sendo ele mesmo e o “outro” ao mesmo tempo. O poeta assume uma identidade outra que não a sua, incorporando a dor, o sofrimento, a solidão, a angústia e o desespero do “outro” ante a sociedade moderna para preencher a própria solidão interior que também perpassa a vida dos poetas modernos.

A exemplo de Pessoa e de Baudelaire, Cora Coralina também resgata para o âmbito da poesia a multidão e o pária social, dentre eles, a prostituta, “mulher da vida” que vive a perambular pelos becos a espera de algum homem disposto a desfrutá-la tal como um objeto.

A poética de Cora Coralina resgata o errante, o *gauche*, concebido em sua poesia em vários personagens incorporados pelo eu lírico, estabelecendo-se uma relação de identificação tal como em Pessoa e em Baudelaire. Nesse sentido, a poética coralineana fala em uníssono com a tradição literária, contrariando aqueles que insistem em ler e afirmar o insulamento literário da poetisa.

Mas, ainda há que se considerar a leitura reducionista da obra coralineana no tocante ao aspecto autobiográfico. Para Yokozawa (2002, p. 06), em Cora Coralina a autobiografia não é somente a expressão de um indivíduo ímpar, singular, pois o que aí está também ocorreu a muitos outros. Tanto é que a própria poetisa afirma: “De uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também/se passaram comigo” (CORALINA, 2001b, p. 19).

A autobiografia torna-se, na verdade, uma heterobiografia, expressão de uma multidão, de uma história comum a vários leitores. Um processo de identificação é aqui estabelecido entre o eu lírico e o leitor, pois a memória resgatada por Cora Coralina é uma memória coletiva que subverte os autos oficiais, haja vista que dá voz àqueles que foram e ainda são silenciados pelo cânone oficial.

Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto, quando criança era chamada de Aninha, a menina inzoneira, feia, chorona, rejeitada pela mãe e pelas irmãs (CORALINA, 2001b, p. 140). Yokozawa (2002, p.06) ainda afirma que em *Vintém de cobre: minhas confissões* de Aninha Coralina resgata a figura de Aninha, estigma da família, rejeitada até a adolescência, fase em que lia e declamava Almeida Garret.

E por que não ser Aninha mais uma das personagens, das máscaras do ser poético da poesia coralineana? Afinal, a poetisa dá forma estética/poética às experiências vivenciadas em tempos passados. Da mesma forma que o eu lírico diz “Eu sou aquela morosa/de tuas ruas estreitas”, “Eu sou aquele teu velho muro/verde de avencas”, “Eu sou o caule/dessas trepadeiras sem classe,/nascidas na frincha das pedras”, diz “Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa./Eu sou Aninha” (CORALINA, 2001a, p. 34/35).

De acordo com Yokozawa (2002, p.06), “Cora Coralina é a autora empírica que assina os versos e Aninha é uma das *persona*, uma das máscaras da poetisa que aponta para o processo de despersonalização decorrente da multiplicidade de “eus” poéticos, transcendendo o mero

caráter autobiográfico”. Portanto, Aninha é, de fato, umas das faces do ser poético de Coralina⁴.

O artista moderno não deveria participar de sua criação enquanto pessoa empírica como haviam pretendido os poetas românticos, mas como inteligência que poetiza, como operador da língua, capaz de transformar assuntos pobres de significados em si mesmos em poesia. Tanto é que Cora Coralina, em *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, afirma que este é um livro que foi escrito no tarde da vida, procurando recriar, poetizar, trazer a tona coisas que estavam por sair, engasgadas, entulhadas, frutos de “caminhos ásperos”.

O eu lírico ainda afirma que muitos irão se identificar consigo, pois o que se relata a muitos outros também deve ter ocorrido. Atente-se para o adjetivo “meias” presente no título do livro e em um dos poemas que o constituem. “Meias” implica que nem tudo que está registrado de fato ocorreu, pois o artista tem a liberdade de criação, do fazer poético. Daí considerarmos Aninha como uma das “máscaras” do eu lírico.

Dessa feita, a despeito de uma certa tendência que procura ler a poesia coralineana na perspectiva do insulamento literário, afirmamos que a poetisa, em seus momentos de maior autenticidade e individualidade, fala em uníssono com a tradição poética Moderna e Modernista. Para tanto, procurou-se demonstrar as confluências poéticas de Cora Coralina com alguns poetas já consagrados pela crítica literária, tais como Baudelaire, Bandeira, Drummond e Pessoa no tocante a poetização do material apoético, utilização do poema “epilírico” e do processo de despersonalização da lírica moderna.

CAMARGO, F. P. Cora Coralina and the tradition of modern and modernist poetry

⁴ A idéia da despersonalização em Cora Coralina é apresentada inicialmente por YOKOZAWA, Solange Fiúza Cardoso. A reinvenção poética da memória em Cora Coralina. In: *Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC*, 2002, Belo Horizonte. CD-ROM.

Abstract: *Cora Coralina is frequently reminded by your literary insulation, for your independence in relation to any school. It is observed, however, that the poetess, in your moments of larger authenticity, speaks in unison to the Modern poetic tradition and Modernist. I intend to examine the author's of Poemas dos becos de Goiás e estórias mais with that tradition.*

Keywords: Brazilian Poetry; Poetry in Goiás; Poetic of the Modernity.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. Lírica e sociedade. In: _____ HORKHEIMER, M. HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. Trad. José Lino Grünnewald et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 193-208. (Os pensadores).

ANDRADE, M. de. A escrava que não é Isaura: discurso sobre algumas tendências da poesia modernista. In: _____. **Obra imatura**. São Paulo: Livraria Martins, [19-].

AZEVEDO, F. F. dos S. **Anuario Historico Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz**. Uberaba: Livraria Século XX, 1910.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUDELAIRE, C. **Poesia e prosa**. Trad. Alexei Bueno et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. 3).

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. de Carlos Felipe Moisés et al. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

CORALINA, C. **Meu livro de cordel**. São Paulo: Global, 2002.

_____. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** São Paulo: Global, 2001a.

_____. **Vintém de cobre:** meias confissões de Aninha. São Paulo: Global, 2001b.

ELIOT, T. S. Tradição e Talento Individual. In: **Ensaio de doutrina crítica.** Trad. de Fernando de Mello Moser. /s.l./: Guimarães, [19-].

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna.** Trad. Marise M. Curione e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

PAZ, O. **O arco e a lira.** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, F. **Poesia** / Álvaro de Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais de poética.** Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

YOKOZAWA, S. F. C. A reinvenção poética da memória em Cora Coralina. In: **Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC**, 2002, Belo Horizonte. CD-ROM.

